


AFETIVIDADE E RELAÇÕES EMOCIONAIS NA APRENDIZAGEM: CAMINHOS PARA UMA ESCOLA INCLUSIVA E HUMANIZADA

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.022-007>

Amanda Rosendo dos Santos Silva

Mestranda em Ciências da Educação - WUE

LATTES: <https://lattes.cnpq.br/1160038757394354>

Andréia Rosendo dos Santos Silva

Pós-graduação em Educação Infantil e Ensino Fundamental - FMB

E-mail: andreiarosendo187@gmail.com

Blenda Carla Ribeiro dos Santos

Pós-graduada em Psicopedagoga Clínica e Instrucional - FAS

E-mail: blendaecinho@gmail.com

Marciane Araujo Azevedo Dantas

Pós-graduação em Psicopedagogia Institucional - FIP

E-mail: marcifip@hotmail.com

Maria de Fátima de Carvalho Silva

Mestranda em Ciências da Educação - WUE

E-mail: mcarvalhosf@gmail.com

Maria José do Nascimento

Pós-graduação em Educação Especial

E-mail: mariquinha1977@gmail.com

RESUMO

Este artigo analisa a importância da afetividade e das relações emocionais no processo de ensino e aprendizagem, destacando seu papel essencial na construção de uma escola inclusiva e humanizada. A pesquisa, de abordagem qualitativa e caráter reflexivo, integra uma revisão teórica e um relato de experiência docente vivenciado em uma escola pública do campo, com um aluno com necessidades educacionais específicas. Fundamenta-se em autores clássicos e contemporâneos, como Vygotsky, Wallon, Freire, Rogers e Goleman, para discutir como a empatia, o vínculo e a escuta ativa podem transformar o ambiente escolar em um espaço de acolhimento e respeito às diferenças. Os resultados evidenciam que a afetividade é um instrumento pedagógico fundamental para o desenvolvimento integral dos estudantes e para a promoção da inclusão e da humanização no contexto educacional.

Palavras-chave: Afetividade; Emoção; Aprendizagem; Inclusão; Humanização.



1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o campo educacional vem passando por intensas transformações, impulsionadas pelas mudanças sociais, tecnológicas e emocionais que caracterizam o século XXI. A escola contemporânea, enquanto espaço de formação humana, é chamada a ressignificar suas práticas pedagógicas, superando o paradigma tradicional centrado apenas na transmissão de conteúdos e reconhecendo o papel essencial da afetividade e das emoções na aprendizagem. O processo educativo, entendido sob uma perspectiva integral, envolve dimensões cognitivas, sociais e afetivas que se entrelaçam, tornando impossível dissociar o saber do sentir.

A afetividade, muitas vezes relegada a um segundo plano nas práticas pedagógicas, constitui um componente essencial do desenvolvimento humano e da construção do conhecimento. Henri Wallon (1942) foi pioneiro ao afirmar que o desenvolvimento da criança é resultado da interação entre emoção, movimento e cognição, defendendo que as experiências afetivas influenciam diretamente o comportamento e o aprendizado. Lev Vygotsky (1991), por sua vez, destacou que o processo de ensino e aprendizagem ocorre no contexto das interações sociais, nas quais o vínculo entre professor e aluno assume papel mediador. Para ele, as emoções mobilizam a curiosidade e a motivação, elementos indispensáveis ao avanço cognitivo.

No contexto da educação contemporânea, especialmente após a pandemia da COVID-19, a dimensão emocional da aprendizagem ganhou ainda mais relevância. As dificuldades impostas pelo isolamento social e pelo ensino remoto evidenciaram a importância do acolhimento, da empatia e da escuta sensível na relação entre educadores e estudantes. O retorno às aulas presenciais revelou uma necessidade urgente de reconstruir vínculos, restaurar a confiança e fortalecer a dimensão humana da escola. A afetividade, nesse cenário, não é apenas um meio de interação, mas um instrumento de reumanização do ensino, capaz de restabelecer o sentido da convivência, da solidariedade e do pertencimento.

A partir da perspectiva humanista de Carl Rogers (1983), entende-se que a aprendizagem significativa ocorre quando o indivíduo se sente aceito e valorizado em sua totalidade. O professor, ao adotar uma postura empática e autêntica, cria condições para o florescimento do potencial do aluno. Rogers sustenta que a educação deve estar centrada na pessoa, respeitando suas emoções e sua subjetividade. Essa concepção dialoga com o pensamento de Paulo Freire (1996), que defende a “amorosidade” como princípio pedagógico fundamental: ensinar exige compromisso ético, sensibilidade e abertura para o diálogo.

Nesse sentido, a afetividade não se limita a expressões de carinho ou gentileza, mas se constitui como uma categoria pedagógica, dotada de intencionalidade e fundamento teórico. Ela permeia a organização das práticas, o planejamento das atividades e a forma de interação entre os sujeitos que compõem o espaço escolar. A presença do afeto no processo educativo possibilita a construção de uma escola inclusiva e humanizada, na qual o aluno é reconhecido em sua singularidade e respeitado em seus ritmos e modos de aprender.



Além de seu valor pedagógico, a afetividade desempenha papel crucial na educação inclusiva. A experiência docente mostra que alunos com necessidades educacionais específicas respondem melhor a ambientes em que se sentem acolhidos e compreendidos. A empatia e a escuta ativa são ferramentas que favorecem o desenvolvimento de vínculos e promovem a participação efetiva desses alunos no cotidiano escolar. A inclusão, assim, ultrapassa as dimensões legais e estruturais e se concretiza nas relações humanas estabelecidas no espaço da sala de aula.

O presente estudo tem como objetivo analisar o papel da afetividade e das relações emocionais no processo de aprendizagem, destacando sua contribuição para a formação de uma escola inclusiva e humanizada. A investigação parte da compreensão de que o afeto é um elemento estruturante do processo educativo, sendo determinante para o sucesso acadêmico e emocional dos estudantes. Além disso, busca-se apresentar um relato de experiência que evidencia a prática docente como espaço de afetividade e inclusão, demonstrando como as relações emocionais podem transformar a vivência escolar e fortalecer o desenvolvimento integral dos alunos.

A relevância científica deste trabalho reside em sua proposta de discutir a afetividade sob uma abordagem crítica e humanizadora, articulando teoria e prática. Ao refletir sobre o papel das emoções na aprendizagem, pretende-se contribuir para o fortalecimento de uma pedagogia comprometida com a equidade, o respeito e a sensibilidade, reafirmando o princípio de que educar é, antes de tudo, um ato de amor, diálogo e esperança.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, descritiva e reflexiva, fundamentada em pressupostos teóricos da abordagem interpretativa, a qual reconhece o sujeito como centro do processo de construção do conhecimento e valoriza as experiências concretas vividas no contexto educacional. De acordo com Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa permite compreender fenômenos educacionais a partir da ótica dos participantes, privilegiando significados, percepções e sentimentos.

O estudo adota o método de relato de experiência como estratégia principal de investigação. Esse tipo de metodologia, segundo Minayo (2001), possibilita ao pesquisador refletir criticamente sobre práticas já vivenciadas, analisando suas implicações pedagógicas, emocionais e sociais. O relato de experiência, quando estruturado de forma científica, ultrapassa o caráter narrativo e assume a função de instrumento de reflexão e sistematização da prática docente, permitindo o diálogo entre teoria e realidade.

2.1 CONTEXTO DA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

As experiências relatadas neste trabalho foram vivenciadas ao longo da atuação da pesquisadora como professora dos anos iniciais do ensino fundamental, em escolas públicas municipais localizadas em



comunidades rurais do Rio Grande do Norte, onde o trabalho pedagógico é marcado por turmas multisseriadas e por uma convivência muito próxima entre os sujeitos da comunidade escolar. Nesse cenário, a prática docente se caracteriza pela necessidade constante de adaptação, sensibilidade e criatividade. Cada estudante traz consigo histórias, ritmos e emoções singulares, o que exige do professor não apenas domínio dos conteúdos, mas também competência emocional e afetiva para mediar relações e promover aprendizagens significativas.

Entre as experiências analisadas estão ações desenvolvidas em projetos de alfabetização e inclusão escolar, com destaque para atividades que buscaram fortalecer a autoestima dos alunos e o sentimento de pertencimento à comunidade escolar. Em todos esses momentos, a afetividade se apresentou como eixo central do processo educativo, tanto na mediação das aprendizagens quanto na construção de vínculos entre professor, alunos e famílias.

2.2 PROCEDIMENTOS DE OBSERVAÇÃO E REFLEXÃO.

As observações foram realizadas durante o desenvolvimento de práticas pedagógicas que integraram aspectos cognitivos e emocionais. Em especial, destacam-se momentos vividos em atividades de leitura compartilhada, produção de textos coletivos, rodas de conversa e oficinas de convivência, nas quais os estudantes foram incentivados a expressar sentimentos, experiências pessoais e opiniões.

A observação participante, aliada ao registro reflexivo em diário de campo, permitiu identificar situações em que a afetividade atuava como mediadora da aprendizagem. O olhar atento e a escuta sensível possibilitaram compreender que o envolvimento emocional do aluno com a atividade influencia diretamente sua motivação e desempenho.

Em uma das experiências, por exemplo, observou-se que alunos com dificuldades de leitura e escrita demonstraram maior empenho quando as atividades eram associadas a temas significativos de sua realidade e conduzidas de maneira afetiva. O incentivo verbal, o elogio sincero e o reconhecimento do esforço individual mostraram-se estratégias eficazes para promover avanços na aprendizagem e fortalecer a confiança dos estudantes.

2.3 O RELATO DE EXPERIÊNCIA COMO CAMINHO DE FORMAÇÃO DOCENTE.

Ao adotar o relato de experiência como método, o presente estudo também se propõe como uma reflexão sobre a prática docente. Cada vivência relatada é compreendida como oportunidade de aprendizado e de reconstrução do fazer pedagógico. A afetividade, nesse processo, é analisada não apenas como sentimento, mas como dimensão epistemológica e formativa da docência, pois orienta a postura ética, o olhar sensível e o compromisso com a humanização da educação.



A sistematização dessas experiências contribui para o fortalecimento de uma formação docente reflexiva, em que o professor se reconhece como pesquisador da própria prática. Essa concepção está em consonância com Schön (1992), que defende a figura do “profissional reflexivo”, capaz de aprender com suas ações, interpretar o contexto e reinventar metodologias.

Dessa forma, a metodologia adotada neste estudo articula vivência e reflexão, teoria e prática, em um movimento contínuo de construção de saberes pedagógicos. A análise das experiências possibilita compreender que o afeto, quando intencionalmente incorporado à prática educativa, transforma o ambiente escolar em um espaço de confiança, diálogo e pertencimento, promovendo uma aprendizagem significativa e verdadeiramente humanizada.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apresentados neste estudo emergem da reflexão sobre vivências pedagógicas reais no contexto da sala de aula, nas quais a afetividade se mostrou um elemento determinante para o êxito das práticas educativas e para o fortalecimento dos vínculos entre professor e estudante. A análise dessas experiências revela que a dimensão emocional da aprendizagem não apenas favorece o desenvolvimento cognitivo, mas também contribui para a formação ética, social e humana dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

De modo geral, observou-se que os ambientes escolares marcados por relações afetivas saudáveis e acolhedoras tendem a apresentar maior envolvimento dos alunos nas atividades, bem como índices mais significativos de participação e cooperação. As práticas pedagógicas pautadas na empatia e na escuta ativa ampliam o sentimento de pertencimento e a autoconfiança dos estudantes, gerando impactos diretos sobre a aprendizagem.

Durante a observação e a análise reflexiva das práticas docentes, constatou-se que gestos simples — como o diálogo, o elogio, o reconhecimento do esforço, a demonstração de paciência e o uso de palavras encorajadoras — influenciam positivamente o comportamento e a disposição dos alunos. Esses elementos emocionais tornam-se mediadores do processo de ensino, promovendo o engajamento e despertando o interesse pelo conhecimento.

A prática docente também revelou que, em situações de conflito, ansiedade ou insegurança, a postura afetiva do professor é essencial para restabelecer o equilíbrio emocional e garantir o andamento do trabalho pedagógico. O educador que escuta, compreende e respeita os limites do aluno favorece um ambiente de confiança, no qual o erro é percebido como parte natural do aprendizado. Essa abordagem fortalece o que Vygotsky (1991) define como zona de desenvolvimento proximal, pois a interação afetiva cria as condições necessárias para que o aluno avance com o apoio do outro.



Outro aspecto importante evidenciado nas vivências analisadas é que a afetividade atua como elemento integrador das diferenças, permitindo que cada estudante seja reconhecido em sua singularidade. Em turmas heterogêneas — com diferentes ritmos, origens e níveis de aprendizagem —, o vínculo emocional estabelecido entre professor e aluno torna-se um canal de acesso ao conhecimento e um instrumento de inclusão. Quando o aluno se sente acolhido, respeitado e valorizado, ele passa a se engajar mais ativamente no processo educativo.

Essa constatação converge com as reflexões de Carl Rogers (1983), ao afirmar que o aprendizado genuíno ocorre quando o ambiente é permeado por empatia, aceitação e autenticidade. Da mesma forma, Paulo Freire (1996) destaca que ensinar exige amorosidade, o que implica enxergar o aluno como um ser completo, com emoções, sonhos e potencialidades.

Durante as práticas relatadas, foram observadas situações em que o simples ato de ouvir o aluno, compreender suas dificuldades e incentivar sua expressão verbal e criativa resultou em melhorias significativas no desempenho escolar. A afetividade, nesse caso, mostrou-se não apenas uma estratégia de aproximação, mas um recurso pedagógico de transformação, capaz de promover o protagonismo e a autonomia dos estudantes.

Além disso, a presença do afeto contribuiu para o fortalecimento da relação entre escola e comunidade. Ao envolver as famílias nas atividades escolares — por meio de projetos, apresentações e ações coletivas —, os vínculos emocionais se expandiram para além da sala de aula, criando uma rede de apoio que potencializa o desenvolvimento dos alunos e reforça o sentido de pertencimento ao espaço escolar.

Essas observações confirmam que a afetividade exerce papel estruturante no processo educativo. A escola que valoriza o diálogo, o respeito e o cuidado humano forma indivíduos mais conscientes e cooperativos, preparados para conviver com as diferenças e enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. Conforme Goleman (1995), o desenvolvimento da inteligência emocional é tão importante quanto o da razão, pois permite lidar com as próprias emoções e compreender as do outro, tornando a convivência mais ética e equilibrada.

Portanto, os resultados obtidos por meio das experiências docentes analisadas reforçam que o sucesso da aprendizagem depende, em grande parte, da qualidade das relações estabelecidas no ambiente escolar. O professor, como mediador do conhecimento e das emoções, tem papel fundamental na construção de uma educação sensível e inclusiva, que integra razão, afeto e ação.

Assim, pode-se afirmar que o afeto, quando incorporado de forma intencional e consciente às práticas pedagógicas, transforma a sala de aula em um espaço de escuta, confiança e esperança, promovendo não apenas o desenvolvimento intelectual dos alunos, mas também sua formação integral como seres humanos.



4 CONCLUSÃO

A análise desenvolvida neste estudo permitiu reafirmar que a afetividade constitui um eixo central no processo de ensino e aprendizagem, sendo elemento essencial para a consolidação de uma prática pedagógica inclusiva, humanizada e transformadora. As vivências docentes refletidas ao longo da pesquisa demonstram que o ato de educar ultrapassa a mera transmissão de conteúdos e se fundamenta em relações de confiança, empatia e escuta sensível, nas quais o professor e o aluno constroem, juntos, o conhecimento e o sentido de pertencer à escola.

Os resultados evidenciaram que o vínculo afetivo é o que sustenta a aprendizagem significativa e o desenvolvimento integral do estudante. A presença do afeto em sala de aula atua como mediadora das interações sociais, favorece a superação de barreiras emocionais e cognitivas, e cria um ambiente propício à curiosidade e à criatividade. Em contextos marcados pela diversidade e pelos desafios da inclusão, a afetividade assume papel de ferramenta pedagógica emancipatória, capaz de transformar o cotidiano escolar em um espaço de acolhimento, respeito e equidade.

Do ponto de vista teórico, autores como Vygotsky, Wallon, Rogers, Freire e Goleman fundamentam a compreensão de que o desenvolvimento humano é um processo integral, no qual emoção e cognição se inter-relacionam continuamente. A aprendizagem, sob essa ótica, é tanto um ato intelectual quanto emocional. Assim, ensinar exige não apenas planejamento e conhecimento técnico, mas também sensibilidade, ética e amorosidade — características indispensáveis à docência contemporânea. No exercício profissional, a prática afetiva mostrou-se decisiva para a construção de ambientes de aprendizagem democráticos, nos quais todos os estudantes, independentemente de suas condições e ritmos, encontram oportunidades de se expressar, de aprender e de conviver. O professor que adota uma postura afetiva se torna mediador de emoções e de valores humanos, promovendo o diálogo e a empatia como princípios formadores.

Dessa forma, o presente trabalho reforça a necessidade de se repensar a formação docente, incluindo de maneira mais sistemática o desenvolvimento das competências socioemocionais. É fundamental que o educador seja preparado para reconhecer suas próprias emoções e as dos alunos, compreender o impacto das relações interpessoais no ambiente de aprendizagem e atuar com equilíbrio e empatia diante dos desafios cotidianos da sala de aula.

A afetividade, portanto, não é um adorno da prática pedagógica, mas uma dimensão epistemológica e ética da educação, pois possibilita o encontro entre o saber e o sentir, entre o conhecimento e a humanidade. É nesse encontro que se produz uma aprendizagem significativa, viva e transformadora. Além disso, a escola que cultiva a afetividade em suas relações se torna um espaço de esperança e pertencimento. Conforme Paulo Freire (1996), educar é um ato de amor, e amar, no contexto pedagógico, é comprometer-se com o outro, acreditar em sua capacidade de aprender e oferecer condições para que



floresça plenamente. Essa perspectiva reafirma a importância de uma educação comprometida com a dignidade humana e com a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Por fim, este estudo reforça a convicção de que o caminho para uma escola verdadeiramente inclusiva passa pela valorização das emoções, pela construção de vínculos e pelo reconhecimento de que a afetividade é o coração do processo educativo. Educar com afeto é educar para a vida — é formar seres humanos capazes de pensar, sentir, agir e conviver em um mundo que necessita, urgentemente, de mais empatia, sensibilidade e humanidade.



REFERÊNCIAS

- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra.
- Goleman, D. (1995). *Emotional intelligence: Why it can matter more than IQ*. Bantam Books.
- Minayo, M. C. S. (2001). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. Hucitec.
- Rogers, C. (1983). *Liberdade para aprender*. Interlivros.
- Schön, D. A. (1992). *Educando o profissional reflexivo: Um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Artes Médicas.
- Vygotsky, L. S. (1991). *A formação social da mente*. Martins Fontes.
- Wallon, H. (1942). *Les origines du caractère chez l'enfant*. Presses Universitaires de France.